



MICHAEL LÖWY

Entrevista exclusiva com Michael Löwy¹

Paris, junho de 2013

Yuri Martins Fontes e Ana Vlândia Cruz²

Bom dia, professor Michael, e obrigado por nos receber para essa entrevista para a Revista Mouro, do Núcleo de Estudos d'O Capital.

Somos todos *mouros*, isto é, marxistas [*risos*].

Exatamente. Queríamos começar lhe pedindo uma breve descrição de sua trajetória pessoal e profissional, desde sua juventude em São Paulo, a USP, a vinda a Paris, a ditadura, o doutorado com Goldmann...

Muito bem. Eu posso dizer que, do ponto de vista profissional, quando eu vivia no Brasil, minha aspiração era ser “revolucionário profissional”; mas não consegui... Acabei virando acadêmico. Bom, pra começar do começo: minha família veio da Áustria, de Viena, nos anos 1930. Eu nasci em São Paulo, estudei na USP e me formei em ciências sociais; nesta época, tive uma militância política junto a uma pequena organização chamada Liga Socialista Independente. Depois, também participei do Pacto de Unidade Intersindical como representante do movimento estudantil, além de várias outras atividades políticas. Em 1960, participei da fundação da Polop (Organização Revolucionária Marxista Política Operária). A minha principal referência política era a Rosa Luxemburgo – aliás, ainda é. E bom, na USP, fui aluno de Florestan Fernandes, Otávio Ianni, Fernando Henrique, Antônio Cândido, etc. Participei do seminário d'*O Capital* junto a eles, e também com o Roberto Schwarz, o Paul Singer, etc.

1. Entrevista realizada em 6 de junho de 2013 com o professor e militante comunista brasileiro, radicado na França, Michael Löwy, em seu apartamento, em Paris, para a *Revista Mouro*.
2. Pesquisadores, respectivamente, da Universidade de S. Paulo e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – ambos em estágio de doutorado na França, coorientados por Michael Löwy (*Centre National de la Recherche Scientifique*).

Logo que me formei, em 1960, fui convidado para ser assistente do Wilson Cantoni na Faculdade de Filosofia de São José do Rio Preto. Foi meu primeiro trabalho como professor universitário. E aí, eu consegui uma bolsa de estudos pra vir estudar na França. Eu já tinha escrito uns dois ou três pequenos artigos – no caso, na *Revista Brasiliense* –, mas o projeto era fazer um doutorado sobre o *jovem* Marx, sob a direção de Lucien Goldmann. Tinha descoberto os escritos do Goldmann enquanto era estudante e tinha ficado muito encantado – daí que tive vontade de estudar com ele em Paris. Vim pra cá em 1961. Assisti vários cursos, além dos do Goldmann – como do Marcuse, entre outros. Mas bem, essencialmente trabalhei na minha tese com o Goldmann e me formei em 1964. Aí, veio o Golpe Militar e acabei não voltando ao Brasil. Fui então para Israel, para onde minha família tinha se mudado, e logo para a Inglaterra (1968–1969); depois voltei pra Paris, onde morei desde então. Por aqui, trabalhei, no começo, como assistente do Nicos Poulantzas, na Universidade de Paris VIII. Comecei a militar já nessa época na IV Internacional, na França, pela Liga Comunista Revolucionária, e preparei a minha segunda tese – de doutorado de Estado –, que era sobre o jovem Lukács. Em 1977, eu entrei no CNRS [*Centre National de la Recherche Scientifique*], onde fiquei pelo resto da minha carreira. A partir dos anos 1980, eu dei aula também na Escola de Autos Estudos em Ciências Sociais [*École des Hautes Études en Sciences Sociales* – EHESS], mas como convidado. Bom, e o resto é uma bibliografia, enfim...

Professor, você disse que sua principal referência foi e é a Rosa Luxemburgo... Por que a Rosa?

Por que a Rosa? Por que não?! [*risos*]. Do ponto de vista teórico era mais o Goldmann, que tentava pensar a sociologia marxista em relação com a filosofia. Era uma temática mais metodológica e teórica. Rosa Luxemburgo era mesmo uma referência política, no sentido amplo da palavra.

Como você vê a influência da Rosa Luxemburgo hoje no Brasil, e mesmo do Erich Sachs?

Veja, quanto a minha formação política, desde que me interessei pelo marxismo, me interessei pelas ideias marxistas ou revolucionárias não-stalinistas (das quais desde cedo tive uma visão negativa). A primeira pessoa que eu encontrei e que me ajudou a estudar o marxismo foi o Paul Singer. E ele era luxemburguista. Foi ele quem me apresentou a outros amigos que formaram a Liga Socialista Independente, que era uma organização luxemburguista da qual participavam Sachetta, Maurício Tragtenberg, os irmãos Sader, e outros. Então, desde o começo, minha formação e

orientação foi nesse sentido, e eu me entusiasmei com os escritos da Rosa – mais os escritos políticos do que os econômicos. É bom, ela fez a minha cabeça [risos]. Poderia ter sido outra coisa, foi um pouco por acaso. Não totalmente, porque como tinha, digamos, um interesse pelo marxismo e não pela social-democracia... Quer dizer, já limitava muitas coisas. Mas, enfim, foi Rosa o primeiro amor e, aí, pro resto da vida.

No entanto, a Polop, de cuja fundação eu participei, não era luxemburguista. Era uma coisa mais ecumênica. Eu, o Paul Singer e alguns outros membros vínhamos dessa formação luxemburguista; mas o Erich Sachs, um de seus principais fundadores, vinha de outra escola. Ele foi do grupo do Heinrich Brandler, da Alemanha. O Brandler era um dissidente do Partido Comunista Alemão – era uma corrente comunista anti-stalinista. Eles tinham um jornal que se chamava Política Operária – daí então o nome da organização. Havia gente de várias origens. O que cimentou o grupo logo no começo foi a Revolução Cubana – quer dizer, em 1960, a principal referência já não era nem Brandler, nem Rosa, mas sim a Revolução Cubana. O Brandler, na sua juventude, colaborou com a Rosa Luxemburgo, e sem dúvida, em algo foi influenciado por ela. Mas o que define a identidade dele é o leninismo – e quando se formou o Partido Comunista Alemão, isso foi incorporado oficialmente.

Bom, quanto a hoje em dia, é difícil dizer – existe um interesse difuso sobre a Rosa Luxemburgo. Há uma pessoa muito querida que tem contribuído pra isso, que é a Isabel Loureiro, que organizou a publicação das obras escolhidas da Rosa. Mas na minha época, poucas pessoas a conheciam. Havia algumas edições de seus textos feitas pelo Mario Pedrosa e o pessoal da Vanguarda Socialista – mas poucas coisas: *Reforma ou Revolução, A Revolução Russa*, duas ou três coisas só pra demarcar uma posição anti-social-democrata, anti-stalinista e diferente do leninismo. Rosa hoje tem muito mais audiência do que naquela época. Por exemplo, o MST se interessa muito por ela, publicou suas obras pela [editora] Expressão Popular; convidou a Isabel para falar sobre ela na sua Escola [Nacional Florestan Fernandes]; há a Fundação Rosa Luxemburgo [em SP], que faz o papel importante de difundir as ideais da Rosa. Há uma recepção mais ampla, embora não se possa dizer que há um grupo político específico.

Em *As utopias de Michel Löwy* [Boitempo, 2007], o professor Roberto Schwarz afirma que desde a faculdade, você já havia encontrado a fórmula que corresponderia ao seu modo de posicionar no mundo – ele o definiu como um “militante socialista e surrealista”. Você pode comentar essa descrição?

[*Risos*] Bom, é verdade que, na minha juventude, quando eu conheci o Roberto e ainda era adolescente, eu já me interessava pelo surrealismo. Foi uma descoberta importante pra mim. Aliás, o primeiro artigo que escrevi, para uma revistinha que o Roberto era o editor, foi sobre uma iniciativa do André Breton e do Trotski – o *Manifesto por uma arte revolucionária independente*, que os dois escreveram juntos no México, em 1938. Depois eles fundaram um negócio chamado *Federação Internacional da Arte Revolucionária Independente*, da qual participavam os surrealistas, os trotskistas, alguns anarquistas, etc. Durou um ano; depois veio a guerra e acabou-se. Então escrevi sobre isso e foi meu primeiro artigo. O surrealismo foi e ainda é uma coisa importante pra mim. Porém, eu não tive uma militância surrealista propriamente, porque no Brasil não existia surrealismo nessa época; só veio a existir mais tarde quando eu já estava na França. Quando eu estava estudando na França houve um momento em que eu pensei em ir a um grupo surrealista, para conhecer, participar e tal; mas acabei não tendo a coragem de ir lá, porque eu disse – “Bom, não sou poeta, não sou pintor, não sou nada... o que eu vou fazer?”. Só muito mais tarde, nos anos 1970, conheci o pessoal do grupo surrealista. Me convidaram a participar e a partir de 1975, mais ou menos, eu passei a ser, entre aspas, um “militante surrealista”. Entrei numa atividade do surrealismo aqui na França e fiz muitos contatos com o que eu chamo, brincando, a “Internacional Surrealista”, que tem gente no Brasil, na Argentina, no Chile, nos EUA, em vários países da Europa, como a Grécia, etc. É verdade que isso é importante pra mim – mas não é contraditório com o meu compromisso político. O surrealismo sempre foi um movimento muito politizado.

Quais os aspectos do surrealismo mais importantes politicamente?

O surrealismo é ao mesmo tempo um movimento artístico e poético, mas é também um movimento de revolta do espírito, com uma dimensão anticapitalista e revolucionária. Num primeiro momento, mais próximo do anarquismo, mas depois se aproxima do comunismo, e logo rompe com o stalinismo e se aproxima de Trotski. Depois, nos anos 1950, vai se aproximar outra vez do anarquismo, e logo, engaja-se na luta anticolonialista. Quer dizer, há toda uma história, digamos, de compromisso político do surrealismo. O surrealismo me interessou por isso – por essa associação integral entre uma busca do maravilhoso, poético, e de um espírito subversivo, de rebelião, de revolta contra a religião, a pátria, o nacionalismo, o capitalismo e o colonialismo. Essa conjunção me fascinou e continua sendo uma coisa importante pra mim.

Você falou sobre sua trajetória política, partidos pelos quais passou e militância. Queríamos que agora comentasse um pouco de sua formação intelectual...

Olha, quando eu saí do Brasil, não existiam na França ou na Europa organizações luxemburguistas – e tampouco no Brasil. No começo dos anos 1960, eu cheguei a militar num grupo chamado Partido Socialista Unificado – de esquerda radical. Mas depois do *Maio de 1968* (embora eu não estivesse na França, acompanhei de perto), logo fiquei entusiasmado com um dos grupos que participaram das manifestações – e que me pareceu de longe o mais interessante – a Juventude Comunista Revolucionária, que tinha duas referências: Trotski e Che Guevara. Na época, Che Guevara já era pra mim muito importante – uma referência fundamental; e eu sempre tive simpatia por Trotski. No Brasil, eu cheguei em certa época, a discutir com trotskistas e tal – mas com algumas reservas, devido a minha formação luxemburguista. Assim, mesmo com alguns desacordos, diante da situação nova que se abriu com o *Maio de 68*, achei que o mais interessante mesmo era esse pessoal da IV Internacional, que também não era dogmáticos. Eu dizia que minha referência era mesmo a Rosa Luxemburgo e tudo bem, nunca se colocou muito problema – não se exigia uma ortodoxia doutrinária. Mesmo porque Ernest Mandel, que era o principal teórico, gostava muito de Rosa, e sempre teve a preocupação de buscar uma síntese entre Trotski, Rosa, Lenin...

E nesse caminho, você conheceu alguns grandes marxistas, como você nos comentava esses dias em uma de nossas reuniões.³ Você poderia descrever alguns destes interessantes encontros – como aquele com Caio Prado, com Sánchez Vázquez ou com Daniel Bensaid?

É curiosa essa lista [*risos*]. Eu teria colocado também o Goldmann, o Ernst Bloch... Mas bem, sobre o Caio Prado, quando eu estudei na USP, ele era uma das grandes referências. Realmente, para entender o Brasil, sua história e economia, não tinha outra fonte mais importante do que Caio Prado Júnior. Era fundamental em parte porque nossos professores nos deram essa indicação, mas também porque nós ficamos convencidos disso... Mas meu relacionamento com ele foi muito limitado. Quando escrevi meu primeiro artigo, quis publicar na *Brasiliense*, e fui vê-lo. Tivemos uma pequena conversa que eu não lembro em detalhes, mas ele me disse: “Sim, com muito

3. Entre março e junho de 2013, o professor Löwy, juntamente com ambos os entrevistadores e alguns outros de seus orientandos e pesquisadores convidados, orientou um seminário independente intitulado “Marxismo na América Latina” (cujas reuniões mensais têm a possibilidade de serem retomadas no segundo semestre).

prazer”, e tal. O primeiro artigo que eu publiquei era sobre a questão agrária no Brasil e polemizava um pouco com Caio Prado. Retrospectivamente, eu acho que estava tudo errado no meu artigo [*risos*]. É um dos meus poucos artigos que eu não reivindico. Mas tudo bem. A partir daí eu publiquei mais uns dois ou três artigos na *Brasiliense*, mas meu relacionamento pessoal com ele foi só esse.

Já o Sánchez Vázquez, acho que conheci numa viagem ao México, e logo nos demos muito bem porque partilhámos de uma mesma compreensão do marxismo humanista. A filosofia da práxis, Lukács e Gramsci também eram interesses em comum – assim como certa alergia a Althusser, que ele também partilhava. Desde logo, tivemos uma relação muito boa, de amizade e respeito, que durou toda a vida. Cada vez que eu ia ao México, eu ia buscá-lo. Nos encontramos também em alguns congressos, sobretudo na Espanha – havia um em Pontevedra, organizado por um pessoal de esquerda da [Faculdade de] Filosofia. Convidavam nós dois e a gente se via por lá. E numa das versões da minha antologia *O Marxismo na América Latina*, coloquei um texto do Sánchez Vázquez, embora ele não seja tipicamente um latino-americano – ele é um republicano espanhol que migrou para o México, mas que se tornou parte da cultura marxista do México e da América Latina. E eu escolhi justamente um texto sobre a América, sobre Cuba. Acho que ele é um dos grandes pensadores marxistas da nossa época. Tenho menos interesse sobre a parte estética da obra dele; mas me parece muito importante a parte propriamente de filosofia, ética e política.

O Bensaïd, a gente se conheceu logo que eu aderi à Liga Comunista, por volta de 1969. No começo, não tivemos uma proximidade muito grande. Primeiro, porque ele era um grande dirigente e eu um militante de base. A partir de certo momento, nos anos 1970, quando eu cheguei ao Comitê Central, nos não estávamos na mesma tendência. A partir de meados dos anos 1980, é que a gente começou a se aproximar, devido a um interesse comum por Walter Benjamin. Certa vez, tivemos uma conversa sobre Benjamin, e eu propus a ele: “Por que a gente não escreve um artigo juntos sobre Benjamin?”. E ele disse: “Por que só um artigo? Podemos escrever um livro juntos!”. Bom, ficou uma ideia no ar que acabou não saindo. Aí, ele escreveu o seu livro. Na verdade, a partir daí, a partir de 1989 em particular, começa uma nova etapa na vida e na obra de Bensaïd que tem a ver com circunstâncias pessoais, talvez com a doença dele, com circunstâncias históricas – a queda do Muro de Berlim... Enfim, há uma espécie de virada na vida e na obra dele. Até então ele tinha escrito textos sobretudo de conjuntura, de polémica. Interessantes, mas textos conjunturais, um sobre *Maião de 1968*, uma polémica contra Michel Rocard,

um texto sobre estratégia e muitos textos internos, boletins. Não havia obra mais ambiciosa. A partir de 1989, há um salto qualitativo, que começa com o livro “*Moi, la Révolution*”, sobre o bicentenário da Revolução Francesa de 1789. Em 1990, o livro sobre Walter Benjamin. A partir daí começa uma obra importantíssima – uma das mais criativas, radicais e inventivas do marxismo contemporâneo. E nossos interesses se aproximam, não só a partir de Walter Benjamin, mas também de Charles Péguy, Auguste Blanqui – e passamos a uma relação tanto pessoal como política e intelectual mais próxima, e mesmo partilhando iniciativas com relação ao Brasil – pois os dois temos forte relação com o Brasil. Partilhamos várias coisas, tanto na atividade política propriamente, como na preocupação intelectual.

E pra fechar esse ponto, professor, você citou – e de fato é bem interessante também – os encontros com o Bloch e o Goldmann...

Minha relação com Goldmann foi intensa. Desde que eu descobri os escritos dele fiquei muito entusiasmado e achei que era isso mesmo. Fui fazer minha pesquisa, meu doutorado, com ele. Meu doutorado todo é baseado na sua metodologia – que é o chamado estruturalismo genético, quer dizer, um método um pouco inspirado também por Lukács, um método centrado na categoria da totalidade

Um pouco como Piaget, não? Ele mesmo [Goldmann] discute também a dialética do Piaget...

É, um pouco; mas em Piaget, isso é mais terminológico. Substancialmente, acho que é mesmo Lukács quem vai inovar. Mas, enfim, o meu método de trabalho era, eu diria, mais um marxismo historicista, humanista-historicista. Mesmo assim, algumas coisas de Goldmann, eu conhecia, mas não tinha me dado conta da importância. Só mais tarde, por exemplo, atentaria à questão da aposta, “*le pari*”, que é uma ideia muito profunda do Goldmann. Nos anos 2000, é que comecei a escrever sobre isso. Acho que aí há uma descoberta do Goldmann que é fundamental. Quer dizer, que o marxismo, o socialismo, não está baseado em uma certeza científica, numa demonstração científica como muitas vezes se pretende, mas em última análise, está baseado em uma aposta. Uma aposta é algo em que você engaja sua vida sabendo que corre o risco de perder, mas obviamente, espera conseguir realizar seus objetivos. Segundo Goldmann, toda atividade humana tem que ser baseada em uma aposta; e quem não aposta no socialismo está apostando no capitalismo, ninguém escapa da *aposta*. Mas, enfim, eu fiz o meu doutorado com o Goldmann. Tínhamos algumas divergências, inclusive políticas. Aliás, estávamos no mesmo partido, que se chamava PSU, Partido Socialista Unificado, mas em tendências

diferentes. Eu estava na chamada tendência de esquerda e ele numa tendência mais moderada. Então, brincando, eu dizia pra ele: “sou um *neogoldmanniano* de esquerda”. E tínhamos um desacordo também sobre o jovem Marx na tese, porque eu dizia que a obra do jovem Marx representa a consciência possível do proletariado em formação; que é a partir das lutas do proletariado que Marx vai formular a sua teoria da revolução; e ele dizia: “Não, Marx representa uma corrente da esquerda da burguesia democrática na Alemanha”. Mas ele não me impôs as suas ideias, me deu a possibilidade de desenvolver minha opinião. Foi essa a minha relação com Goldmann, que de alguma maneira segue até hoje. Até hoje ele me é uma inspiração importante, metodológica e epistemológica.

Já com o Ernst Bloch foi uma relação mais pontual. Quando eu ‘tava escrevendo minha tese sobre Lukács me interessava a relação Lukács-Bloch. Então eu fui para a Alemanha entrevistar o Bloch. Me interessava sobretudo sua relação com Lukács. Ele me recebeu muito gentilmente; já estava cego em 1974, se não me engano, ajudado pela esposa e tal. Fiz uma longa entrevista com ele, como essa que vocês estão fazendo comigo, mas mais biográfica. Essa entrevista foi publicada; está disponível em anexo no meu livro sobre Lukács.

Você falou sobre a questão da aposta na obra do Goldmann... O Bloch também tem um discurso sobre a utopia. São conceitos que se aproximam?

Se aproximam, sim, mas não são idênticos. O Bloch tem uma reflexão sobre a presença da utopia na história das lutas sociais e no pensamento humano, que é fantástica, em seu livro *O Princípio Esperança*. Na minha opinião, seu melhor livro é o *Thomas Müntzer, o teólogo da Revolução*. É uma obra fundamental e que tem a ver com o Brasil de hoje, com o movimento camponês, com a Teologia da Libertação, com religião e política. Os brasileiros deveriam ler. Porém, essa questão da *aposta* não aparece – aparece a questão da *utopia*, como aparece também em Goldmann, mas para Goldmann, a utopia não está garantida, há que se apostar nela. E em Bloch, há uma tendência de achar que a utopia é inerente à condição humana. Mas há outros textos que eu acho mais interessantes. O Bloch diz: “Não, temos que romper com o otimismo ingênuo, burro, que acha que o futuro está garantido; não tem nada garantido, o pior é possível”. Mas ele não chega a formular a questão da aposta. Pode-se dizer que está implícita, mas ele não chega a formular. Contudo, Bloch e Goldmann eram amigos. Cada vez que Bloch vinha a Paris, ele visitava o Goldmann. O Bloch, em uma ocasião, deu pra ele uma cópia da edição original do *Espírito da Utopia (Geist der Utopie)*, e eu tenho agora esse livro porque a viúva do Goldmann me deu.

Bom, chegou o momento de darmos um salto para a América Latina. Queríamos que você comentasse algo sobre os seus estudos do marxismo latino-americano, especialmente sobre o Mariátegui, que você estudou bastante, e incluindo-se aí o debate entre romantismo e realismo, e a questão do *mito*... E também, que falasse sobre sua participação no grupo de estudos d'O Capital e a influência da Revolução Cubana.

Eu sou de uma geração marcada pela Revolução Cubana, embora tivesse já me radicalizado antes – descobri o marxismo bem antes. A gente defendia o socialismo, mas achava que não tinha muito a ver com a realidade brasileira ou latino-americana – mas de repente, com a Revolução Cubana, estava na ordem do dia! Virou questão estratégica e não [somente] utopia. A Revolução Cubana foi fundamental e a partir dela a gente começou a pensar a América Latina, porque antes a gente pensava o Brasil; apesar de que chegamos a ter alguma relação com a Argentina, como é o caso do Sílvio Frondizi, um marxista independente, um dos primeiros críticos da globalização capitalista, ainda nos anos 1950, e crítico do peronismo – foi assassinado pela Aliança Anticomunista Argentina. Mas enfim, a gente não tinha uma visão realmente da América Latina – com a Revolução Cubana é que isso começa. E o primeiro pensador latino-americano que me impactou foi Che Guevara – meu primeiro livro sobre o marxismo latino-americano foi sobre ele.

Que inclusive o Néstor Kohan considera um de seus melhores livros...

Kohan! Sim, ele é um guevarista também... Este livro foi, digamos, o primeiro contato: pensar o marxismo latino-americano, pensar a América Latina com uma perspectiva revolucionária. Mais tarde, nos anos 1970, começo a aprofundar estes estudos. Aproveitando as minhas viagens ao México, eu ia a um sebo da capital, que tinha muita coisa; fui juntando pra me documentar. Comecei a preparar aquela antologia sobre o marxismo da América Latina – que saiu no fim dos anos 1970. E, realmente, de todos esses pensadores latino-americanos, quem mais me impactou foi Mariátegui. Já nessa época comecei a estudá-lo. Mas embora entusiasmado, eu ainda não tinha, naquela época, chegado a ter uma boa compreensão da importância de sua obra. Quer dizer, eu o via um pouco num contexto mais específico. Mas já naquela época eu dizia que ele era o pensador marxista mais importante da América Latina. Hoje em dia eu já acho que ele é um dos pensadores mais importantes do século XX, e ponto. Não só da América, mas do mundo! Minha compreensão da sua importância, como da do Goldmann, foi enriquecendo. Mais recentemente, fiz uma coletânea de seus ensaios, com um prefácio – que foi publicada no Peru pelo seu filho; fiquei muito honrado com isso. Depois o Carlos Nelson Coutinho publicou no Brasil a mesma coletânea de textos do

Mariátegui, *Por um socialismo indo-americano*. No meu prefácio, apresento o marxismo de Mariátegui, definindo-o como um *romântico*. Romântico no sentido de uma crítica radical da civilização *industrial capitalista moderna*, de sua ideologia *positivista*, ou *evolucionista* do progresso. Tudo isso faz parte da cultura burguesa rejeitada pelo Mariátegui e da revalorização de valores que vem do passado, como o mito, a fé, a mística. São conceitos que Mariátegui vai reintroduzir no discurso marxista. E também no terreno da cultura – ele se interessa pela poesia e pela cultura romântica cuja expressão ele vê sobretudo no que ele chama o “novo romantismo”, ou “romantismo revolucionário”, cuja expressão mais direta é o surrealismo. Ele se entusiasma com o surrealismo.

Você fala em retomada: o mito já tinha sido antes discutido no marxismo? Georges Sorel?

É, e o Mariátegui dá muito valor ao Sorel – quem tem uma interpretação bastante heterodoxa do marxismo. Sorel já discutia o valor de mito – e ele foi uma referência importante para os primeiros marxistas comunistas, digamos, que queriam se desembaraçar do marxismo petrificado da II Internacional. Mesmo o jovem Lukács, era soreliano; o jovem Gramsci era soreliano, o jovem Benjamin era soreliano, dentre outros. Como Mariátegui, eles vão usar Sorel como arma para desmontar o marxismo ossificado da II Internacional. Essa foi a maneira que Mariátegui encontrou de pensar o marxismo da época – de pensar a subjetividade, o voluntarismo, a paixão, a mística. E esse é um aspecto muito interessante do marxismo – e muito atual. É verdade que às vezes, Mariátegui faz algumas formulações extremas, do tipo: “Os burgueses pensam que podem acabar com a revolução com uma crítica da ciência socialista”. Ou que “o socialismo não é ciência, mas é fé, mística”. Enfim, o mais correto seria que ele dissesse que o marxismo é *também* mística – que tem os dois aspectos [ciência e fé]. Ele tem algumas formulações extremas que são discutíveis. Mas acho importante essa valorização da animação ética, subjetiva, voluntarista e radical do Mariátegui.

Quais os movimentos que você acha mais relevantes hoje na América Latina e qual a avaliação que faz do MST e dos movimentos de resistência armada, como as FARC, na Colômbia, e o EZLN, no México?

Para mim, se avaliarmos a escala do Continente, o movimento social mais importante hoje em dia, e que está na vanguarda das lutas sociais, ecológicas e políticas anticapitalistas, é o movimento indígena – o movimento camponês, digamos. O movimento indígena-camponês hoje em dia é a força mais combativa e radical.

A Via Campesina?

Isso inclui a Via Campesina, e em particular o MST, sem dúvida; mas também os movimentos indígenas da Bolívia, do Equador, do Peru, e o zapatismo, que é um movimento indígena também, além de camponês. O papel dos indígenas é importante, mas também o é, o das lutas operárias: especialmente na Argentina há movimentos operários muito importantes. Em outros países também há lutas dos trabalhadores das cidades, da população pobre das periferias, etc. Inclusive na Bolívia, o que deu a explosão foi a conjunção dos indígenas com o povo pobre da periferia, que muitas vezes era da origem indígena também. No México, a Comuna de Oaxaca, foi a conjunção de trabalhadores da cidade, sobretudo professores, com as comunidades indígenas da periferia. Mas enfim, muitos dos movimentos radicais da América Latina são, ou de indígenas, ou de indígenas e camponeses, ou de uma aliança entre indígenas e camponeses com o pessoal da periferia urbana e os trabalhadores da cidade. E inclusive são importantes, pois colocam também a questão ecológica – não formulada, às vezes, como questão teórica, mas de um modo concreto, enfrentando multinacionais que destroem o meio ambiente, a floresta...

A dimensão ecológica é fundamental nessas lutas – mas é claro que as lutas são específicas em cada país. Digamos... Os zapatistas começaram com um levante armado mas rapidamente se deram conta de que já não dava, que não havia condições no México, pra continuar na linha dos movimentos armados dos anos 1960 e 1970. A situação não era a mesma. Então eles logo mudaram, passaram a ter uma atividade política e não militar – mas não se desarmaram! Quer dizer, guardaram o fuzil, o que é muito importante – e guardaram a *estrutura* do Exército Zapatista, que continua existindo! E isso é um contrapeso, um contrapoder político, e também é uma força dissuasiva face aos governos paramilitares. O que não impede o governo e seus paramilitares de cometerem crimes, assassinatos... Se não existisse o Exército Zapatista – com as suas armas – teria sido muito pior. Mas hoje já não é uma guerrilha, não é um movimento de luta armada.

Agora, acho que as FARC é uma outra história. Pessoalmente, nas vezes que eu estive na Colômbia, meu relacionamento não era com as FARC [Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, leninistas], era com a ELN, Exército de Libertação Nacional – guerrilha guevarista, e mesmo cristão-revolucionária, ou camilista (em referência a Camilo Torres). Mas hoje em dia são as FARC que têm o papel mais importante.

Hoje em dia as FARC estão em processo de paz com o governo paramilitar colombiano – conversações das quais também o ELN estuda participar –, e dentre suas reivindicações, está especialmente presente a questão indígena e ecológica: você tem acompanhado?

Não, não tenho... Mas, enfim, eu acho que as FARC são um movimento importante, mas problemático. Porém, acho que tomaram uma decisão justa – que é a de obrigar o governo colombiano a negociar a paz. Foi correto... Algo que anteriormente eles não tinham feito – pois colocaram algumas exigências meio descabidas, como a desmilitarização de um território imenso na Colômbia. E isso foi o pretexto pro governo não aceitar a negociação: resultado, as FARC perderam parte da sua força. Se a negociação tivesse começado há três ou quatro anos, teriam podido lutar em muito melhores condições. Não quiseram negociar e o resultado foi: vários de seus dirigentes assassinados.

No entanto, professor, vale lembrar que, por outro lado, eles perderam boa parte de sua força *justamente* nos anos 1980, quando quiseram negociar e construíram a União Patriótica [partido político], ocasião em que tiveram centenas de dirigentes assassinados, além de milhares de militantes...

É, isso foi outra história... Mas é verdade. Inclusive, eu entendo a hesitação deles em negociar, devido a esse precedente trágico. Realmente, eles aceitaram, de uma maneira um pouco ingênua, se desarmarem e participar da vida política *legalmente*. E foram massacrados. Então hoje, eles têm mesmo que obter garantias, antes de se lançarem numa aventura parecida. Mas o que eu acho mais interessante nas FARC é, primeiro, o fato de terem decidido jogar mesmo a carta da negociação. Obrigaram assim o governo colombiano a entrar no processo. E, sobretudo, isso de eles terem conseguido lançar um movimento amplo e popular pela paz, que é aquela marcha pela paz [Marcha Patriótica]. Isso é um negócio formidável – amplo, aberto... Enfim, conseguiram reunir muita gente, não só no campo, mas na cidade. Acho que essa é uma esperança, e daí vai sair algo positivo – que não pode ser apenas uma expressão ou um braço político das FARC, tem de ser uma coisa bem mais ampla, mais democrática... Mas isso depende da correlação de forças, obviamente.

Quanto aos zapatistas, eu não quero idealizá-los – e eles não são um modelo; são uma experiência muito interessante, muito rica e acho que eles abriram um horizonte extraordinário para a América Latina. Mas tiveram erros táticos graves que os levaram a um isolamento grande, sobretudo na *outra campanha* que fizeram, há alguns anos, no momento das eleições – quando havia um bloco de centro-esquerda com o López Obrador e que teve muito apoio popular. Eles organizaram esta *outra campanha*, que no começo tinha um discurso que era correto, dizendo “façam vocês a sua campanha, as eleições não nos interessam, queremos organizar o povo na

base”. Perfeito! Só que, no curso da campanha, o subcomandante perdeu um pouco as estribeiras e começou a atacar os reformistas, como o López Obrador, acusando-o de traidor, vendido, assassino, etc. E aí, o resultado foi que muitas das forças que os estavam acompanhando, passaram pro lado do Obrador; os zapatistas ficaram isolados, e se retiraram para Chiapas, onde estão há vários anos, sem se mexerem... E quase que desapareceram. Agora começam a voltar, tomando iniciativas novas. Espero que com uma posição mais aberta. De qualquer jeito, eu valorizo muito sua experiência. Quando caiu o Muro de Berlim veio aquela onda avassaladora: *“acabou a história, a utopia, a Revolução, acabou o marxismo, acabou tudo – agora será o capitalismo até o fim dos tempos”*. Mas então veio esse bando de utopistas que levanta a bandeira vermelha lá em Chiapas e grita “Revolução!” Foi importantíssimo. Eles foram os primeiros a dizer: “A história continua, estamos aqui!”. E aí, depois eles convocaram, em 1996, a Conferência Intergaláctica Contra o Neoliberalismo. Foi o ponto de partida de todo um movimento altermundialista. Assim, o papel deles foi fundamental pra esquerda sair daquele buraco em que estava depois da queda do Muro.

Sobre o tema da militância, Gramsci, em texto de 1917, fala sobre os indiferentes. Afirma que a indiferença é o peso morto da história – e a necessidade de sermos todos militantes. Hoje não poderíamos dizer que vivemos propriamente em uma época de indiferença – pois há uma série de manifestações diante das crises do capitalismo e das sequelas da questão social em várias partes do mundo; mas simultaneamente, parece haver uma descrença e até uma desconfiança nas organizações partidárias. A que você atribuiria isso? Os partidos estariam se tornando um instrumento obsoleto dentro do projeto de contestação e de alternativa ao capitalismo? E além disso, já emendando, você falou do altermundialismo, que daria origem ao Fórum Social Mundial – após a hegemonia liberal que adveio da queda da União Soviética: seria hoje uma tendência estes movimentos que, embora levantem bandeiras do comunismo, não se declaram abertamente socialistas, não se organizam segundo a forma partidária tradicional (caso do próprio FSM, do *Occupy Wall Street*), e mesmo certos novos partidos contestadores que surgiram recentemente, sem se declararem socialistas?

Quanto à primeira pergunta: eu acho que estamos saindo um pouco da indiferença; estamos entrando numa época, já faz alguns anos, em que há um estado de espírito amplamente difundido de indignação. Isso levou a derrubadas de governo – na Argentina, na Bolívia, no Equador, nas atuais revoluções árabes – e deu origem ao movimento dos indignados

na Espanha, na Grécia, em Portugal, ao *Occupy*... Tudo isso é expressão de indignação, e é muito importante! O Bensaïd dizia que a indignação é o começo de tudo. A gente se indigna, começa a marchar, e depois vai ver no que dá. Quer dizer, sem indignação não se faz nada importante na história. Acho importante valorizar essa indignação, essa raiva, cólera, protesto. E na indignação há também a valorização da dignidade – quem está indignado sente que a sua dignidade está sendo espezinhada. Aí vêm os governos e a mídia conformista: “Ah, não, mas vocês só criticam, é só negativo”... Eu acho que mesmo que o movimento não tivesse nem uma só proposta, e fosse só “negativo”, já seria ótimo, porque precisamos sim, negar essa porcaria e infâmia. Dito isso, obviamente, a gente precisa de propostas. E há propostas. Várias propostas já apareceram, algumas limitadas, outras mais radicais. Agora, nesses movimentos há desconfiança em relação aos partidos. Não acho que porque a forma *partido* seja obsoleta, mas porque os *partidos* atualmente existentes são decepcionantes, com poucas exceções honrosas. Quer dizer, a social-democracia é um desastre, e é o partido mais importante que existe hoje em dia no Brasil – porque o PT hoje é social-democrata – bem como em outros países da América, na Espanha, enfim, em vários lugares. Os partidos social-democratas se revelaram como uma variante do neoliberalismo e portanto, corresponsáveis da crise. Os partidos comunistas são um pouco melhores, mas também carregam toda uma carga [de equívocos] do passado. No caso da Alemanha, e até certo ponto da França e outros países, partidos [ditos] comunistas inclusive se comprometeram com governos neoliberais. É o caso da Itália – e lá entraram pelo cano, se dividiram em mil pedaços, foi uma tragédia. Na Espanha, infelizmente, alguns dos principais dirigentes dos partidos progressistas não entenderam o movimento dos indignados ou o desprezaram – daí que obviamente que os *indignados* desconfiem deles. Há uma relação tensa – às vezes se encontram, mas é uma relação tensa. E acho que os partidos são responsáveis em boa parte por essa desconfiança.

A exceção é a Grécia. Na Grécia há um partido radical, de tipo novo, a coalizão da esquerda radical – que inclui comunistas, socialistas, trotskistas, maoístas, todo mundo. E lá, logo que apareceram os movimentos sociais de protesto, este partido foi lá e apoiou os manifestantes – desde o começo do levante da juventude em 2008 – e assim o movimento se identificou com eles. E o resultado é que nas eleições eles passaram de 4% a 28%, coisa nunca vista na história! Essa é a exceção. Nos outros países, continua havendo uma certa distância e desconfiança. Mas não é que a forma

partido esteja obsoleta, é que os partidos existentes decepcionaram. Não todos e nem todos em mesmo grau. Há experiências interessantes, como o MAS, na Bolívia (Movimento ao Socialismo), que tem seus problemas, mas, enfim... Vamos ver até que ponto eles vão conseguir ser a expressão das aspirações populares.

Já sobre o FSM, ele reúne uma base ampla: todos os movimentos sociais, mais além de partidos políticos – ONGs, intelectuais, etc., que são contra o neoliberalismo, contra o capitalismo. Está colocado na própria carta de fundação do FSM. Mas de fato temos que reconhecer que com o fim da União Soviética – aquele fim vergonhoso – e com a conversão da China ao capitalismo, desenvolveu-se um certo ceticismo. As pessoas são contra o capitalismo, querem alguma outra coisa, mas não sabem exatamente o quê. Muitos identificaram o socialismo só com a União Soviética e com a China – que deu no que deu. Há um certo ceticismo e a gente tem que reconhecer. Então as pessoas sabem o que não querem, e têm uma ideia aproximativa do que querem: “um outro mundo é possível”; “um outro mundo de democracia, de liberdade, de igualdade, onde as coisas não sejam mercadorias, em que o meio ambiente seja respeitado”. Há alguns valores, né? Mas os marxistas, os socialistas estão dentro do movimento altermundialista, levando suas próprias propostas, levando suas ideias – tentando explicar que o que se tem chamado de “um outro mundo possível”, democrático, igualitário, libertário e tal, é justamente aquilo que nos chamamos de *socialismo*.

É uma discussão que está em curso. E o fato novo é que na América Latina, vários partidos e mesmo governos de esquerda têm colocado o socialismo na ordem do dia. É a primeira vez, desde a Revolução Cubana, que governos de esquerda dizem: “Queremos o socialismo”, o socialismo do século XXI. Claro que a prática desses governos ainda está longe desse socialismo. Mas o fato deles falarem nisso, já é um fato político importante. Tudo recoloca o socialismo como objetivo. Isso, na América Latina, acho que está bem avançado. E vários dos movimentos sociais dos que participam do Fórum Social se dizem socialistas – o próprio MST, por exemplo. O socialismo está presente no Fórum, mas o Fórum pretende ser algo amplo que inclui gente que ainda não sabe qual é exatamente o seu objetivo, mas que é contra o neoliberalismo e o capitalismo. Eu acho que é justo ter essa amplidão.

E, bom, também os marxistas, os socialistas estão dentro. A tarefa deles é a de levar suas propostas, mas obviamente, não de maneira autoritária, não de maneira pretensiosa e arrogante como por vezes fazem alguns grupos de esquerda, que chegam nos movimentos e dizem: “Está tudo

errado, vocês são uns atrasados – olha!, o programa está aqui, é o nosso!”. Assim não adianta, né? Você precisa ter uma pedagogia, partir das próprias colocações dos movimentos. Por exemplo, quando o pessoal do *Occupy* diz: “Nós somos 99% contra 1%” – então quem é esse 1%? É o capitalismo financeiro e etc! Como, então, a gente acaba com esse poder do 1%? Quer dizer, temos que colocar o nosso programa, mas partindo do nível de consciência existente. Nos EUA nunca houve movimento socialista de massa, os socialistas sempre foram minoritários. O PC teve força nos anos 1930, e um pouco nos anos 1960, mas mesmo assim, limitado. Então não dá pra, de repente, ter um movimento como o *Occupy Wall Street* levantando a bandeira vermelha do socialismo. Seria um milagre, não? Temos que ter um trabalho paciente. E os grupos socialistas mais abertos e inteligentes estão dentro do movimento levando as suas propostas, discutindo e tal. Acho que é a posição correta.

Como seria o socialismo do século XXI?

Boa pergunta! Eu acho que a ideia do socialismo do século XXI é justa, quer dizer, parte de um balanço crítico das formas dominantes que teve o socialismo no século XX, que foram a social-democracia, pretensamente socialista, mas que não era, e o stalinismo, que teve também um discurso socialista mas que acabou se tornando uma caricatura burocrática. Acho que é importante fazer um corte. Nós queremos outra coisa. Ao mesmo tempo é justo se reclamar do que havia de positivo no socialismo do século XX: a Revolução Russa, a Revolução Cubana e mesmo a Revolução Chinesa, até certo ponto; e os pensamentos de Gramsci, de Rosa Luxemburgo, de Lenin, de Trotski. Enfim, há uma herança, não é pra jogar tudo fora. Mas as formas dominantes do movimento socialista do século XX devem ser criticadas – e inclusive porque ignoraram a ecologia. Isso vale até para os marxismos mais interessantes da história. No próprio Trotski, a ecologia não era um problema. Então o socialismo do século XXI tem que ser uma coisa nova. Como dizia o Mariátegui, tem que ser uma criação heroica, não pode ser calco e cópia. Primeiro, há que se rejeitar a herança pesada, e então reivindicar o que havia de mais interessante; e daí, há que se colocar os desafios atuais, que são o indianismo (na América), e de maneira mais geral, a questão da ecologia. Eu acho que o socialismo do século XXI tem que ser um *ecossocialismo*. Isso é fundamental – e é uma questão que está sendo colocada cada vez mais na América Latina, e um pouquinho na Europa também. Uma das características do socialismo do século XXI é de ser um socialismo ecológico.

Como você vê o papel atual do intelectual, nessa reorientação de movimentos tão dispersos – e também da educação popular na reorientação desse novo socialismo?

Bem, eu acho que para o intelectual a primeira tarefa é aprender. Antes de ele ensinar, ele deve aprender. Isto é, tem que estar à escuta dos movimentos, de suas propostas e experiências. Deve aprender com os indígenas, com o MST, com os indignados, com o *Occupy*. Antes de tudo, deve-se estar lá, aprender; e ao mesmo tempo, propor ideias de maneira modesta, não arrogante, não pretensiosa. Dizer: “Olha, essa experiência de vocês é válida, estou aprendendo aqui várias coisas... Mas, na minha opinião, agora temos que propor uma alternativa radical a essa dominação do capital financeiro”... Por que é que os bancos não seriam um serviço público, por exemplo? Um serviço público bancário, em vez desse capitalismo financeiro completamente irracional, delirante, parasítico?! Vamos nos apropriar disso e criar um serviço público bancário. Essa é uma proposta que os intelectuais, os economistas e os marxistas podem trazer a público pra ser discutida, e pro pessoal dizer “sim”, “não”. Acho que essa é a nossa tarefa. E ela é dupla. Devemos trazer a bandeira vermelha, sim – mas não tentar impô-la ao movimento. E é o que têm feito os intelectuais de esquerda dos Estados Unidos, por exemplo, que foram lá no *Occupy Wall Street*; foram apoiar o movimento, dizer porque que eles o achavam formidável, e foram levar suas próprias ideias!

Acho muito importante a educação popular. Por exemplo, o MST tem um trabalho formidável de educação dos seus militantes e quadros. Mas a educação popular mais importante é a autoeducação – é o que as pessoas aprendem através da ação coletiva, da experiência de luta. É a educação popular na prática – para as massas das pessoas.

Dentre sua ampla produção, que debate diversos temas e autores – da epistemologia e ciências sociais, ao ecossocialismo e etc. –, qual a obra que considera como sua principal contribuição como intelectual marxista?

É... Sou muito disperso [*risos*]. Olha, é difícil pra mim, julgar – não tenho a distância necessária. Isto serão as pessoas que irão dizer. Não posso fazer essa seleção. Mas, enfim, do meu ponto de vista acho que talvez... Não sei... Por exemplo, o trabalho que fiz sobre sociologia do conhecimento suscitou muito interesse no Brasil – mas não na França. Então, de alguma maneira foi útil – serviu para as pessoas utilizarem isso como instrumento pra enfrentar o positivismo. Acho que a minha reflexão sobre marxismo e romantismo – junto com meu colega Robert

Sayre – foi algo de certo modo inovador. Já tinha sido feita por outros, mas tentamos dar essa visão de conjunto sobre o romantismo anticapitalista – o que suscitou discussões e teve certa relevância. E um outro tema, é esse último, que já há alguns anos estou cavalgando: o ecossocialismo. Mas, francamente, eu não tenho a distância pra julgar o que é importante e o que não é.

E pra terminar: quais seus atuais projetos?

Estou terminando um livro junto com um amigo, o Olivier Besancenot [ex-candidato à presidência pelo Novo Partido Anticapitalista da França], sobre marxismo e anarquismo – sobre suas convergências. Porque geralmente, cada grupo escreve a sua história – um falando mal do outro. E nós queremos escrever uma que, ao contrário, mostre como os dois movimentos se encontraram, o que eles têm em comum, como eles participaram juntos da Comuna de Paris, da Revolução Espanhola e etc. – e pegar umas figuras que encarnem essa convergência marxismo-anarquismo, como Walter Benjamin, André Breton e outros, para terminar discutindo algumas questões mais teóricas, como planificação, autogestão, centralização e tal. Esse livro deve se chamar: *As nossas estrelas vermelhas e negras*.

A
Ateliê Editorial (EDITORAUFMG)

EDIÇÃO E REVOLUÇÃO

Marisa Midori Deaecto & Jean-Yves Mollier (orgs.)



Coedição: Ateliê Editorial e
Editora UFMG
ISBN 978-85-7480-661-7
(Ateliê Editorial)
ISBN 978-85-423-0049-9
(Editora UFMG)
15,5 x 22,5 cm, 352 pp.
R\$ 68,00

ASSESSORIA DE IMPRENSA
Sintaxe Comunicação
João Luiz Marques
jlmarques@sintaxe.com.br
Tel.: (11) 3562-8001 / 99191-7930

www.atelie.com.br
blog.atelie.com.br
Twitter:@atelieeditorial

O mais importante, neste livro-coletânea, é erguer-se à altura da importância de seu tema. As edições revolucionárias (principalmente comunistas, em suas diversas variantes, ao longo do século XX), buscando constituir um pensamento e uma cultura própria das classes despossuídas, acabaram constituindo um aspecto essencial da cultura de cada país. Para fazê-lo, tiveram que nadar inicialmente contra a corrente e, depois, contra a repressão, inclusive em suas vertentes mais reacionárias e violentas (o nazismo ou o Estado Novo). A experiência da reação e da repressão não fez mais que dotá-la de novas forças e convicções. O paralelo e os vasos comunicantes entre essas trajetórias, na França e no Brasil, vão muito além da escolha, eventualmente arbitrária, de dois países a título de comparação. A experiência francesa é a de um exemplar centro irradiador de cultura de alcance mundial, desde os inícios da era moderna; a brasileira, a de uma exemplar cultura periférica e tardia que busca, e consegue (inclusive “pulando etapas”) situar-se ao nível das exigências e aspirações sociais da contemporaneidade. Os caminhos e cruzamentos da literatura revolucionária franco-brasileira ao longo do século passado iluminam, por isso, um arquétipo para se pensar a história intelectual e política da era contemporânea. Os trabalhos aqui apresentados, redigidos e organizados por pesquisadores de primeira linha de ambas as nacionalidades, delineiam um panorama que estende suas fronteiras para além da filologia bibliográfica (esta, no entanto, exposta com rigor acadêmico irretocável), para situar-se no nervo central da história das ideias e mentalidades. A literatura revolucionária deixa de ser marginal, a cultura brasileira deixa de ser periférica: a “cultura comunista” realiza o que o colonialismo cultural iluminista apenas sonhou (e de fato destruiu). Os nove jovens historiadores que aqui comparecem abrem, com os trabalhos reunidos neste volume, uma via de pesquisa e reflexão sem a qual é impossível sequer pensar numa história mundial da era na qual vivemos.

Oswaldo Coggiola